

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VANESSA MENDES CARDOSO

CINEMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

**MEDIANEIRA
2014**

VANESSA MENDES CARDOSO



CINEMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Ibaiti, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Carlos Laércio Wrasse

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA
2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Cinema como Prática Pedagógica

Por

Vanessa Mendes Cardoso

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico ao meu querido avô que nos deixou esse ano. Uma pessoa extraordinária que sempre me apoiou em todas as etapas de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a **Deus** por nos ter dado vida, saúde e inteligência, para que pudéssemos seguir esta empreitada com coragem e firmeza enfrentando as dificuldades advindas da realização de mais uma etapa de nossas vidas;

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Aos nossos familiares pela força e incentivo, paciência e tolerância; pela confiança e motivação;

A meu orientador professor Me. Carlos Laércio Wrasse pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

A todos os Professores que de uma forma ou de outra mostraram uma nova forma de visualizar e idear novos rumos em nossas vidas profissionais e pessoais;

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

A todos os colegas e companheiros de estudo que sempre estivemos um ao lado do outro, dando forças e enfrentamento das adversidades sempre com clareza e amizade.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Por três caminhos se chega ao sucesso:
pela reflexão que é o mais nobre; pela
imitação que é o mais fácil, e, pela
experiência que é o mais amargo.

CONFÚCIO

RESUMO

CARDOSO, Vanessa Mendes. **CINEMA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**. 2014. 32 fls. Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

A realização da presente pesquisa bibliográfica teve como elemento idealizador propor o “Cinema como prática pedagógica” como mais uma ferramenta pedagógica e estimular os educandos para uma nova visão sobre as técnicas cinematográficas. O objetivo central é proporcionar aos educandos a busca de informações sobre a produção cinematográfica, conhecer suas principais técnicas e despertar no aluno o gosto pelo Cinema através da reflexão, além do conhecimento específico do processo evolutivo da história do cinema tanto mundial e, principalmente, no cenário nacional. A leitura crítica da realidade, a operacionalidade dos equipamentos necessários para uma produção cinematográfica, os conceitos e a linguagem cinematográfica, além da pesquisa, do despertar a curiosidade e estimular a criatividade são, também, elementos constituintes de inserção educacional presente neste trabalho e em nossa expectativa como educando e acompanhadores dos processos inovadores voltados no auxílio das novas ferramentas dentro do contexto escolar. O Cinema como Prática Pedagógica entra na escola e busca compreender qual a articulação existente entre o cinema e as práticas pedagógicas, como o registro de imagens e som, cultura e mídia em comunicação, que atualmente circula no ambiente escolar dentro de toda essa mobilidade tecnológica. Vale salientar que o cinema não é uma solução para todos os problemas encontrados em sala de aula pelo professor, porém ele pode ajudar na assimilação desse processo, não é uma afirmação final, mas, é isto que pretende-se estudar neste trabalho.

Palavras-chave: Cinema; Mídias; Tecnologias.

ABSTRACT

CARDOSO, Vanessa Mendes. **CINEMA AS EDUCATIONAL PRACTICE..** 2014. 32 fls. Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

The realization of this literature review was to propose the creator element "Cinema as a pedagogical practice" as another educational tool and encourage the students to a new vision of the film techniques. The main objective is to provide students the search for information on film production, know its main technical and awaken in students a taste for Cinema through reflection, beyond the specific knowledge of the evolutionary process in the history of both world cinema and especially in national scene. The critical view of reality, the operation of equipment for a film production, the concepts and the language of film, in addition to research, arouse curiosity and stimulate creativity are also constituents of this educational development in this work and in our expectation as educating and accompanists of innovative processes aimed at support of the new tools within the school context. Cinema as Pedagogical Practice enters school and tries to understand what the existing relationship between the film and the pedagogical practices such as pictures and record sound, culture and media in communication, currently circulating in the school environment within such technological mobility. It is worth mentioning that the film is not a solution to all problems encountered in the classroom by the teacher, but it can help in the assimilation of this process, it is not a final statement, but this is what we intend to study this work.

Keywords: Cinema; Media; Technology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	13
3.1 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO CINEMA MUNDIAL	13
3.2 O CINEMA NO BRASIL	15
3.3 AS TÉCNICAS FUNDAMENTAIS.....	17
3.3.1 Narrativa Fílmica	17
3.3.2 Gêneros e Estilos	18
3.4 A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA	19
3.5 O CINEMA EM SALA DE AULA	21
3.6 A IMPORTÂNCIA DE FAZER CINEMA NA ESCOLA	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O Cinema, conhecido como a Sétima Arte, dá a oportunidade de expressar ideias, sensações, opiniões e também um novo jeito de se conectar com outras pessoas e com o mundo em redor.

Muito se discute nos dias de hoje sobre a influência da mídia nos processos sociais e culturais de todo o mundo. Cada vez mais as pessoas ficam presas a conceitos relacionados e produzidos pelos grandes meios de comunicação de massa.

Observa-se por meio das experiências pessoais, dos vários segmentos da sociedade e nos meios de comunicação em geral que, atualmente o cinema exerce um grande poder sobre seu público, pois ele atinge números altíssimos de audiência, se comparado a outros meios. O cinema é uma fábrica de entretenimento, de cultura, de influência e de lazer, pois muitas pessoas passam várias horas de suas vidas presas a diversas tramas e enredos.

Ao observar a escola enquanto espaço favorável a cultura e aos processos de comunicação, este trabalho propõe o Cinema como Prática Pedagógica com o objetivo de estimular a criatividade dentro da sala de aula e promover no aluno situações atrativas para a busca do conhecimento.

O “Cinema como Prática Pedagógica” entra na escola e busca compreender qual a articulação existente entre o cinema e as práticas pedagógicas, como o registro de imagens e som, cultura e mídia em comunicação, que atualmente circula no ambiente escolar dentro de toda essa mobilidade tecnológica.

Acredita-se que através desta proposta pedagógica poder-se-á oportunizar aos educandos uma experiência que ultrapassa o fascínio pela imagem, pois traz para a sala de aula meios de comunicação e a riqueza de linguagens.

A problemática despertada para a realização deste trabalho são as seguintes indagações e reflexões: Qual a contribuição dos recursos audiovisuais (leia-se – cinema) na formação dos alunos? Qual a influência desta arte no aprendizado desses alunos.

O presente estudo tem como objetivo geral despertar no aluno o gosto pelo Cinema através da reflexão e produção cinematográfica. Especificamente a pesquisa bibliográfica terá como proposta pedagógica conhecer a história do

Cinema; aprender conceitos básicos sobre Cinema; incentivar a reflexão sobre a escola em que vivem e desenvolver o olhar crítico diante de sua realidade, bem como olhar com cuidado suas próprias histórias; observar a possibilidade de levar essa reflexão à produção de seus curtas e documentários.

Justifica-se o presente trabalho ao observar que, como qualquer outra manifestação cultural, o Cinema está presente nas atividades curriculares. É um recurso didático que motiva, possibilita o debate e a produção, a reflexão sobre problemas sociais, históricos, políticos e questões pessoais..

Nesse contexto o Cinema serve como um instrumento de debate e reflexão, importantes na formação de nossos alunos, pois pode ser utilizado como ferramenta de ensino, basta o professor determinar o uso adequado que vá além de uma simples prática e sim propondo um caminho para a construção do conhecimento sobre a sua realidade enquanto linguagem dentro da arte, tendo acesso a novos meios de comunicação, novas tecnologias e novas linguagens.

Vale salientar que o cinema não é uma solução para todos os problemas encontrados em sala de aula pelo professor, porém ele pode ajudar na assimilação desse processo, não é uma afirmação final, mas, é isto que pretende-se estudar neste trabalho.

Portanto, “O Cinema como Prática Pedagógica” possibilitará aos estudantes o acesso ao conhecimento da história do Cinema bem com as ferramentas cinematográficas e curtas metragens, visando à formação sociocultural no âmbito escolar.

O presente trabalho teve o caráter bibliográfico buscando em autores que estão em voga dentro do tema em tela através de livros, artigos, pesquisas em sites especializado no assunto e outros recursos que se fizerem presente no momento da pesquisa. A pesquisa também teve o caráter qualitativo uma vez que todos os trabalhos científicos têm em comum, trabalhos anteriores e de reflexões de obras já exploradas por diversos estudiosos no assunto.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho bibliográfico levou à reflexão sobre a produção de cinema na sala de aula tanto na teoria como na prática, para conhecer a capacidade que os alunos possuem para desenvolver seu aprendizado através das linguagens cinematográficas e a sua contribuição dentro da história do cinema na formação dos mesmos, bem como a o conhecimento da sétima arte, além da principal fonte a “criatividade”.

Proceder-se-á uma pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento deste trabalho através de livros sobre o tema, revistas, jornais, apostilas, artigos e pesquisas via internet que poderão subsidiar e embasar nosso trabalho.

Ficaram constatado em nosso estudo e pesquisa que ainda são poucos os trabalhos científicos, específicos do tema em tela, bibliografia esta voltada para o setor escolar. Mas, o mais importante num estudo e pesquisa é a busca, a curiosidade e o empenho em encontrar os materiais bibliográficos de apoio para darem suporte a um estudo mais elaborado.

A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002, p. 44) é:

[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A pesquisa terá ainda a característica qualitativa que segundo Severino (2002, p.145):

Quaisquer que sejam as distinções que se possam fazer para caracterizar as várias formas de trabalhos científicos é preciso afirmar preliminarmente que todos eles têm em comum a necessária procedência de um trabalho de pesquisa e de reflexão que seja *pessoal, autônomo, criativo e rigoroso*.

No trabalho pessoal o pesquisador deve ter um envolvimento com o objeto de pesquisa, fazendo com que passe a ser parte de sua vida, sendo realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador.

Já no processo criativo, não se trata de apenas aprender, de aprimorar-se da ciência acumulada, mas de colaborar para o desenvolvimento da ciência, fazendo avançar o conhecimento de seu estudo, buscando desvendar suas explicações.

Juntamente com o trabalho criativo está o trabalho rigoroso que é ter domínio do instrumental científico, envolvendo técnicas, métodos, práticas e vivências que os resultados possam ser portadores de descobertas e de enriquecimento.

A pesquisa deverá ser também exploratória, segundo Gil (2002, p. 41):

[...] têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

A pesquisa exploratória é bastante flexível, mas na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Importante ressaltar que este estudo não tem o objetivo de fechar e dar por encerrado o processo de análise, mas sim, de estimular acadêmicos, profissionais da área da educação e comunidade em geral para que possam sempre dar continuidade em pesquisas, para que a comunidade escolar possa ser sempre contemplada com novas informações e pessoas interessadas em buscar novas informações e conhecimentos atualizados.

A análise geral deste trabalho se deu de forma reflexiva através dos estudos e informações encontradas na literatura utilizada nesta pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O presente trabalho e o tema proposto tratam da relação do cinema com a educação, entendida como aprendizado onde o aluno é um agente participativo. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a produção de cinema na sala de aula para conhecer a capacidade que as crianças têm em desenvolver seu aprendizado sobre a narrativa cinematográfica.

O Cinema com Prática Pedagógica se dará dentro do processo didático pedagógico através da realização de várias pesquisas bibliográficas, nas mídias e recursos tecnológicos; mediar o desenvolvimento de roteiros.

Tem-se em voga que o cinema torna os indivíduos mais sensíveis e facilita a compreensão dos diversos sentimentos inerentes ao ser humano. Este projeto reúne um pouco da história do cinema, a narrativa cinematográfica, estilos e gêneros, processos de produção, a relação com escola.

3.1 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO CINEMA MUNDIAL

De acordo com Machado (2008) o cinema teve sua primeira apresentação pública em 1895, na cidade de Paris. Eram os irmãos Lumière, Auguste e Louis, sendo considerados os “pais do cinema”, reconhecidos, portanto, como os inventores do “cinematógrafo”. A produção foi realizada na forma de mini documentários, apenas para divulgar o tal invento, que para eles, tinham apenas o cunho de um instrumento científico sem pensamento em termos comerciais.

Machado (2008) afirma que historicamente a primeira apresentação pública de grande importância que foi o filme “A Saída dos Operários da Fábrica Lumière”, um documentário que mostrava através de uma sequência de imagens em movimento, a saída de trabalhadores de uma das fábricas dos irmãos Lumière. Uma exibição que contou com a presença de 33 pessoas, já na segunda exibição no dia seguinte foram 2 mil pessoas e no terceiro dia, 3 mil. Os filmes dos irmãos Lumière eram sempre de curta duração, em torno de dois minutos e sempre apresentavam cenas do cotidiano. Os irmãos Lumière, promoveram uma campanha publicitária

cheia de cartazes espalhados que despertou o interesse do público. Com isso começaram enviar operadores para vários lugares do mundo, para mostrar novas imagens nas salas de exibição.

Adorno (2002, p. 8) também contribui salientando a seguinte informação:

Um passo extremamente fundamental para o cinema foi dado pelos irmãos franceses August e Louis Lumière, ele conseguiram aperfeiçoar o cinetoscópio de Edison e criaram o cinematógrafo, em torno de 1895; um aparelho que projetava imagens ampliadas numa tela. Eles foram considerados como sendo os pais do cinema, entretanto não acreditavam no futuro econômico de seu filho. Para eles, aquilo seria apenas uma atração passageira que somente existiria enquanto houvesse interesse pela novidade. Pois acreditavam que o teatro sempre manteria a liderança.

Segundo Bernardet (1980, p. 11) afirma que Georges Méliès, era um homem do teatro e que trabalhava com mágicas, procurou Lumière para adquirir um aparelho para reproduzir o movimento, pois o cinematógrafo (máquina usada para gerar as imagens) era uma novidade que despertava grande interesse. Outro motivo que o fez procurar os irmãos, foi o fato de que ele conseguiu enxergar que esta máquina faria muito sucesso. Mas Méliès foi desencorajado por Lumière.

Bernardet (1980) cita as palavras de Lumière para Méliès:

Lumière o desencorajou, disse-lhe que o cinematógrafo não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público se divertisse com ele seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. (BERNARDET, 1980, p.11).

Com toda a certeza Lumière se enganou. Nem mesmo ele que foi o inventor e criador do cinema podia imaginar que sua criação iria se transformar em uma máquina de contar histórias para enormes plateias, de geração em geração, que já ultrapassou um século de existência.

No dia das primeiras apresentações em Paris, em 28 de Dezembro, o que foi exibido foram filmes curtos, todos em preto e branco e sem áudio. As produções tinham cerca de dois minutos de duração e eram todas filmadas ao ar livre. O que chamou a atenção do público em especial foi a chegada de um trem a estação, que até emocionou os espectadores. Bernardet também relata esta parte da história do cinema em sua obra:

[...] a vista de um trem chegando na estação, filmada de tal forma que a locomotiva vinha vindo de longe e enchia a tela, como se fosse se projetar

sobre a plateia. O público levou um susto, de tão real que a locomotiva parecia”. (BERNARDET, 1980, p.12).

O público que estava no “Grand Café”, local onde foram exibidos esses filmes, com certeza já tinha observado um trem ou até mesmo viajado em um. Mas a novidade não era apenas um trem chegando a uma estação. E sim a ilusão projetada na tela. Todos que estavam assistindo esta exibição sabiam que o trem não era real, pois não havia som e a imagem na tela era em preto e branco. A ilusão provocada pelo filme era o que residia a novidade. Tudo parecia tão verdadeiro, mas todos também sabiam que tudo aquilo que estava sendo exibido era tudo ilusão projetada em uma tela. O relato de Bernardet em sua obra “O Que É Cinema” nos transcreve o sucesso que o cinema fez em seu primeiro dia de apresentação: “Essa ilusão de verdade, que se chama impressão de realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema”. (BERNARDET, 1980, p.12).

E assim começaram o cinema, uma das indústrias que mais progride no mundo, levando além de imagens, emoções, histórias e imaginação à milhões de pessoas.

3.2 O CINEMA NO BRASIL

De acordo com Breder (2005) o cinema chegou no Brasil em 08 de julho de 1896, apenas sete meses depois da histórica exibição dos filmes em Paris. A primeira sessão de cinema no país realiza-se no Rio de Janeiro. Em, 1898, Afonso Segreto roda o primeiro filme brasileiro: algumas cenas da Baía de Guanabara. Depois foram feitos pequenos filmes sobre o cotidiano carioca e filmagens de pontos importantes da cidade, como o Largo do Machado e a Igreja da Candelária, no estilo dos documentários franceses do início do século.

Continua o mesmo autor acima citando que de acordo com alguns documentários da Cinemateca Brasileira, durante dez anos o cinema brasileiro praticamente inexistiu devido à precariedade no fornecimento de energia elétrica. A partir de 1907, com a inauguração da usina de Ribeirão das Lages, mais de uma dezena de salas de exibição foram abertas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

(Breder, 2005, p. 30 *apud* Moreno,1994) diz que em termos de cinema comercial iniciou-se com a fundação dos Estúdios da Cinédia (1930), no Rio de Janeiro, por Adhemar Gonzaga. A Cinédia inspirava-se nos estúdios de Hollywood para desenvolver um ritmo de produção regular, com palcos simultâneos, equipamentos de qualidade e pessoal contratado em regime permanente.

Cita mais o autor acima, na trajetória histórica que mais tarde, em 1941, foi a fundação da produtora Atlântica, de Moacyr Fenelon. A Atlântida, cujo principal acionista a partir de 1947 era Luiz Severiano Ribeiro Jr., o filho do dono da maior empresa exibidora do país, beneficiou-se da lei de 1946 que criava a primeira reserva de mercado para o filme brasileiro.

Já em 1949, investiu-se na indústria do cinema brasileiro com a criação, liderada por Franco Zampari e Francisco Matarazzo Sobrinho, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Paulo. Estimulados por reerguer o cinema internacional após a II Guerra Mundial, o crescimento industrial de São Paulo e sua revitalização cultural, os fundadores da Vera Cruz almejavam um sistema de produção semelhante ao de Hollywood, com equipamentos importados, grande esquema publicitário, técnicos e diretores trazidos da Europa. (BREDER, 2005, p. 30 *apud* MORENO (1994)).

A partir dos anos 1950 e 1960, o Cinema Novo introduz temáticas e linguagens nacionais. A criação da Embrafilme, organismo estatal que financia, coproduz e distribui filmes, em 1969, cria condições para que a produção nacional se multiplique, e o país chega nos anos 1980 ao auge do cinema comercial. (BREDER, 2005, p. 30 *apud* MORENO,1994).

Durante as décadas de 1970 e 1980, impôs a censura militar, e a difícil concorrência com o cinema norte-americano. A Embrafilme era encarregada de fomentar a produção e distribuir filmes brasileiros. Ela estimulou inúmeras adaptações de grandes obras literárias brasileiras e épicos baseados na história oficial do país. (BREDER, 2005, p. 30 *apud* MORENO (1994)).

Breder (2005, p. 30) narra ainda que o modelo da Embrafilme, criticado por incentivar privilégios e não contribuir para a industrialização do cinema, foi colocado em xeque e catalisou as discussões sobre a participação do Estado no cinema. Em 1990, o então presidente Fernando Collor de Mello, extinguiu a Embrafilme e outros mecanismos de incentivo.

Foi a maior crise do cinema brasileiro. Seguiram-se quatro anos de paralisação quase total na produção de longa metragens, ficando para os curta metragens e o vídeo a responsabilidade de manter algumas câmeras em movimento.

Já em 1993, há uma retomada da produção, através do Programa Banespa de Incentivo à Indústria Cinematográfica e do Prêmio Resgate do Cinema Brasileiro, instituído pelo Ministério da Cultura. Diretores recebem financiamentos para a produção, finalização e comercialização dos filmes. Após a interrupção do governo Collor foram criados novos instrumentos de estímulo à produção e sancionada a Lei do Audiovisual (1994), que incentiva empresas privadas a investirem em cinema.

O cinema brasileiro entra em alta no século XXI, apesar da fragilidade do sistema de produção. Nos últimos anos, o cinema nacional evoluiu, demonstrando sua qualidade técnica e artística, e hoje está se consolidando no mercado nacional. Uma das provas desse desenvolvimento tem sido o reconhecimento do público que, cada vez mais, tem comparecido às salas de exibição. Além disso, há o reconhecimento internacional, com destaques para “Central do Brasil” e “Cidade de Deus”. (BREder, 2005, p. 30-31).

3.3 AS TÉCNICAS FUNDAMENTAIS

3.3.1 Narrativa Fílmica

Quando se assiste a um filme no cinema ou em casa, diversos elementos são utilizados pelo diretor para conquistar o nosso interesse. Ficamos envolvidos com os personagens, o enredo, as imagens, etc. Os roteiristas, diretores, atores e técnicos trabalham sob as regras de uma “linguagem cinematográfica”, criada no início do cinema por David Wark Griffith.

Segundo Reis (2002, p. 35) naquela época, a câmera mostrava apenas um plano geral, sem modificações ou cortes. Quando Griffith percebeu que, modificando a posição da câmera, necessariamente precisaria fazer o “corte” e inserir várias imagens, surgiu a narrativa cinematográfica. Que basicamente, mesmo que cada filme expresse um conceito diferente, em geral todos eles se baseiam nas mesmas técnicas de composição de imagem, que incluem a proporção dos elementos da cena, cor, volume e perspectiva.

Berger (1999, p. 73) reflexionada da seguinte forma:

[...] o que fica evidente na ficção é que o mundo “vem até nós” na forma de histórias. Desde os primeiros dias da nossa infância, nosso mundo nos é representado por meio de histórias contadas por nossos pais, lidas nos livros, relatadas pelos amigos, ouvidas nas conversas, compartilhadas entre grupos da escola, disseminadas no pátio do recreio. Isso não quer dizer que todas as nossas histórias explicam o mundo. Em vez disso, a história na qualidade narrativa, contada na ficção cinematográfica, nos fornece um meio agradável, inconsciente e envolvente de construir nosso mundo, onde nos identificamos com um simulacro da realidade.

A história através do cinema, seu enredo fica mais fácil de ser entendido dentro da perspectiva de que o mundo vem até nós, como uma magia que Napolitano (2003, p. 43) vai trazendo imerso na figura do espectador.

Na verdade, quando assistimos a um filme, observamos dele apenas a sua ideologia, ou seja, conceitos de honestidade, bravura, poder, honra, etc. Tecnicamente, estas mensagens são o resultado de uma combinação de cenas objetivas e subjetivas elaboradas pelo diretor. Assim, o importante a observar, é que retemos de um filme apenas as cenas objetivas, ou seja, as cenas de ação propriamente dita. O complemento da ação, dado pelas cenas subjetivas, compõe um conjunto de referências que vão de encontro ao repertório e experiências de vida do espectador (NAPOLITANO, 2003, p. 43).

Com esta a afirmação o autor explica porque determinado filme agradam alguns e outros não. Pois a maioria dos filmes trabalha os símbolos dos comportamentos, o que garante um número maior de espectadores.

Diretores e autores trabalham a partir de outras referências, procura desconstruir esta narrativa clássica, quebrando o conceito de realidade, aproximando-se do pensamento em movimento, isso na ficção, pois os documentários existem para mostrar a realidade e levar a informação ao público.

3.3.2 Gêneros e Estilos

Existem vários estilos de filmes, mas basicamente temos três estilos de filmes predominantes citados por Vidica (2005, p. 54):

a)- **Ficção:** O roteiro de ficção tem que ser original e imaginativo. Com “histórias” criadas pela nossa imaginação, que vão se transformar em uma narrativa cinematográfica, bem diferente do documentário e da reportagem

b)- **Documentário:** O primeiro estilo de trabalho cinematográfico registrado pelas câmeras de cinema, as primeiras seções de cinema eram meros registros da vida cotidiana, como por exemplo, a saída da fábrica dos irmãos Lumière, algo cotidiano. Nesse início do cinema os diretores apenas

ligavam suas câmeras em planos fixos e deixavam captar a visão real dos acontecimentos. Assim, documentavam a realidade e os acontecimentos cotidianos. Esse estilo documental de fazer hoje é mais complexo, mas não perdeu suas origens.

c)- **Desenho animado**: Esse é o gênero que mais se adapta a capacidade de observação, principalmente dentro do campo da educação, pois sua forma de elaboração dos personagens dos desenhos animados, seus valores morais e éticos e suas lições de vida transmitidas nos roteiros, são reconhecidas pelo público infantil, público esse que é o principal espectador deste estilo.

d)- **Comédia**: Nada mais que situações engraçadas que são narradas nesse estilo filmes, os personagens principais sempre se metem em confusões e tentam resolver seus problemas de forma atrapalhada e essas situações fazem com que o filme seja engraçado. “São acontecimentos patéticos, jogos de linguagem verbal ou periférica que levam a mal entendidos vividos por um ou mais personagens, são narrados com a intenção de tirar muitas risadas da plateia”.

Napolitano (2003, p. 35) complementa citando:

a)- **Aventura**: Os filmes de aventura tem como enredo predominante a ação, que compõe-se de conflitos físicos, lutas, combates, oposição do bem contra o mal, o objetivo é que se prenda o público ao filme, com situações de risco que provocam medo e euforia.

b)- **Suspense**: Os filmes de suspense, a ação não é o mais importante, mas sim, a trama em que os personagens estão envolvidos, as situações problemas e assustadoras, os mistérios que precisam ser desvendados.

A classificação dos filmes por gêneros traz facilidade para o público na hora de escolher e assistir os filmes, pois concentra-se no desenvolvimento do roteiro, indicando a estrutura da obra. O gênero nada mais é o tipo de filme que o público gosta e vai assistir.

3.4 A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA

Reis (2002) narra que David Wark Griffith desenvolveu a narrativa cinematográfica, e foi seguido como modelo pela indústria cinematográfica do Ocidente. Griffith mostrou que uma câmera de cinema podia produzir um tipo de narrativa visual diferente da usada no teatro, estabelecendo assim os princípios básicos para uma linguagem usada, até hoje, no cinema mundial.

Griffith percebeu que os enquadramentos mais abertos (planos gerais e planos conjuntos) servem para reforçar o aspecto descritivo da estória. Já os primeiros planos e *close-ups* oferecem ao espectador uma proximidade maior com os personagens, podendo ser utilizados para transmitir mais fortemente as emoções. Os planos médios, por outro lado, são planos eficientes para destacar a ação e o movimento dos atores. Em resumo os planos podem ser classificados de três maneiras: nos planos descritivos, narrativos e dramáticos. Os planos descritivos são: Grande Plano Geral (G.P.G.); Plano Geral (P.G.), Plano Conjunto (P.C.) e o Plano Médio (P.M.). Os planos narrativos se subdividem em plano americano (P.A.) e o Primeiro Plano (P.P.). Os planos dramáticos são o primeiríssimo Plano (P.P.P.) e Plano Detalhe (P.D.) (REIS, 2002, p. 65).

O cinema em 1896 substituía o cinetoscópio e filmes curtos de dançarinas, atores de vaudeville, desfiles de trens que encheram as telas americanas por produções pioneira de Edison e das companhias Biograph e Vitagraph. Edison ambicionando dominar o mercado travou uma disputa com seus concorrentes por patentes industriais.

Nessa época, Nova York já concentrava a produção cinematográfica e David Wark Griffith começou como ator num filme de Edwin S. Porter, diretor de grande repercussão devido ao seu filme *The Great Train Robbery* (O grande roubo do trem, 1903). Griffith além de atuar em alguns filmes, ajudou a salvar a companhia Biograph de problemas financeiros e até 1911 produziu 326 filmes, além de inovar a linguagem cinematográfica com elementos como *flashback* e grandes planos de ação paralelas.

No cinema, para se produzir um filme é necessário reunir muita gente e cada qual tem sua função. Além dos atores e figurantes, existe um batalhão de técnicos responsáveis por cada parte do processo. Antes de existir na tela, o filme começa na ideia original, assim o primeiro trabalho é do roteirista, que desenvolve no papel toda a ação, personagens e diálogo do filme.

A narrativa cinematográfica original usada pelos profissionais de produção é a decupagem. Decupar é o mesmo que dividir o filme em planos, é o plano de um segmento de imagem contínua compreendido entre dois cortes, é a imagem registrada durante o intervalo de tempo no qual a câmera está ligada, gravando, o plano é classificado de acordo com o tamanho da figura humana. Para montar o processo de filmagem precisa elaborar um conjunto de planos que se chama CENA, e um conjunto de cenas que se chama SEQUÊNCIA. A cena é a reunião dos planos que estão diretamente relacionados com a mesma ação principal. Geralmente, a

cena está ligada ao cenário, pois determina ação de começar e terminar na mesma locação. As sequências são misturadas entre si e, tornando possível, encontrar cenas da sequência 4 na sequência 2. Em um filme clássico-narrativo normalmente tem uma sequência principal forte, que correspondente ao eixo de ação central. As outras sequências paralelas servem para reforçar a ação da sequência principal.

Observa-se em Watts (1981, p. 184) onde o autor cita os filmes de Hitchcock que são um bom exemplo de decupagem. Cita o autor o filme *Psicose* na cena do assassinato no banheiro, onde foram utilizadas setenta posições de câmera em 45 segundos de filme.

Cita ainda Watts (1981) o filme *ROPE*, onde cada plano tem dez minutos, que é o tempo correspondente ao comprimento total de um filme de 35mm.

Portanto, nesta pequena descrição de algumas técnicas utilizadas pelo cinematografista pode-se observar que a forma de emitir a imagem, a narração, a música e outras séries de símbolos provocam no ser humano reações emocionais espontâneas, intensas e na maioria fixa-se mais pela imagem do que pela leitura de um texto ou até mesmo a mensagem acústica ou auditiva. Isto quer dizer que a leitura e a escrita tiveram sucesso e alcançaram êxito.

3.5 O CINEMA EM SALA DE AULA

Não se pode tratar a escola atual como um sistema ultrapassado e nem mesmo considerá-la como o espaço onde está a inovação tecnológica de forma maciça. Ao lamentar-se o atraso nas instituições escolares, principalmente, a pública, não se deve esquecer e reconhecer, que nessa mesma instituição, há que se ponderarem os pontos relevantes, significativos e positivos.

Embora, perceba-se a necessidade de renovação, reestruturação, revolução não se devem descartar todos os processos pedagógicos. Inovar é preciso, mas, coadunando com os pontos positivos, as teorias e todas as metodologias que tratam a educação com boa ação, agregando novos métodos, novas ferramentas e os novos valores inerentes à evolução e transformação da sociedade.

A evolução tecnológica que ocorreu nestes últimos anos, nos possibilitou trazer o Cinema para a sala de aula e o mesmo ser utilizado como instrumento

pedagógico, Monteiro (2006, p.10) afirma que “há uma verdade que não pode ser negada: a cada dia se usa mais o cinema na sala de aula. A questão não é quanto a ser utilizado ou não este recurso, mas sim se a sua utilização é eficiente ou não”

Mendes (2013, p. 45-46) considera que os atuais móveis como os *smartphones e tabletes*, a virtualidade não precisa das esferas e fronteiras bem definidas, na casa, na escola, em qualquer lugar, o prazer e fetiche pela tecnologia dá continuidade ao entretenimento, mais interessante do que qualquer conteúdo disciplinar ou curricular.

O mesmo autor acima (p. 47) cita que:

Há algum tempo, TV, vídeo-cassete, DVD, o laboratório de informática eram partes integrantes da escola. Hoje já foram introduzidos net e notebooks, lousas digitais. Porém, tais aparatos, em muitos casos e cenários, são usados como apêndices, passatempos ou substitutos dos docentes. Ferramenta nova para reforçar antigas práticas. Propõe-se, dessa forma, a se fazer o óbvio, que coloca a equipe na confortável zona da rotina, com uma roupagem *hitech*. Integrar de forma orgânica internet, aparelhos tecnológicos, livro didático, paradidático (o famoso extraclasse), imagens, aulas expositivas, passeios e filmes requerem esforço coletivo (direção, coordenação, professores, alunos) na construção de um conhecimento que se aproxime uma realidade plural e não algo estático, cortado do todo. (MENDES, 2013, p, 47).

A educação atual oportuniza as várias formas dos alunos aprenderem e também desenvolverem suas capacidades e potenciais. A aprendizagem pode ser realizada de diversas formas, desde a convencional, através da leitura e escrita, bem como através das novas tecnologias, desde o mais simples aparelho para reproduzir uma música, um filme que pode ser explorado pela análise de sua trilha sonora para que os alunos compreendam a relação existente entre a música, as imagens e o ritmo. Pode-se explorar o visual dentre as cores predominantes do filme, criando desenhos com base nas cenas do filme e até mesmo recontar esse filme, buscando imaginar cenas e lugares diferentes com outros finais para a história (MACHADO, 2008).

Mendes (2013, p. 11) cita que:

Trabalhar com cinema, atualmente, permite ao profissional da educação lidar com instrumentos de mídia, barateados pelos avanços tecnológicos por meio da informática, valorizados por essa geração de adolescentes. Evidentes que, a linguagem cinematográfica, no espaço escolar, deve ser adequada às necessidades e limites dos docentes e discentes. Assim, através de projetos interdisciplinares, focados na construção de

documentários pedagógicos e em festivais de cinema, que incentivem a participação dos alunos, a aprendizagem torna-se prazerosa e a tensão dá lugar à satisfação dos atores envolvidos no processo.

Todas essas alternativas estão relacionadas com o ensinar cinema em sala de aula, crianças criam imagens desde pequenos e aprendem com essas leituras de imagens, onde sua imaginação seja estimulada.

De acordo com Pretto (1996, p. 65):

A utilização do cinema em sala de aula se faz em disciplinas específicas, pois ainda não é visto pelo sistema educacional como fonte de conhecimento e aprendizagem. Não podemos apenas relacionar cinema com uma exibição de filmes para os alunos e sim como uma criação, produção e assimilação de conteúdos fundamentais para sua aprendizagem.

O audiovisual traz informações sobre o mundo. Todos têm conhecimento geral sobre o mundo por meio da televisão e do cinema, bem como apresentações do mundo, de temas contemporâneos, que são conhecimentos que formam a aprendizagem. Para uma criança ou jovem que hoje está na escola, o cinema apresenta grandes temas do mundo em que ele vai viver e também temas cotidianos e de sua realidade.

Machado (2008) diz que:

Ao produzir algo cinematográfico, desde um pequeno longa metragem até uma produção mais elaborada, pode proporcionar o contato com os aspectos culturais, da cidade, do bairro, da comunidade. Por exemplo, você sugerir para a turma: vamos contar a história do bairro e fazer um documentário para a próxima semana. Dentro das diversas atividades que o cinema proporcionará, há também a atividade de sair da escola e ir até uma sala de cinema, sentar e assistir um filme, no escuro, com outras pessoas, por uma hora e meia, é uma atividade significativa porque, nesse tempo de *internet*, *rede social*, *smartphone*, ninguém mais consegue se concentrar em nada e todo mundo precisa de concentração, de criatividade e produção e ao final fazer uma produção será além de prazeroso, um trabalho em equipe sempre terá resultados para uma vida toda.

E, essa proposição pode ser um dos instrumentos sempre deverá uma meta do educador no estímulo de diversificação no auxílio do conhecimento de seus alunos.

Brandão (2009, p. 39) destaca o cinema da seguinte forma: “[...] ao lado de ser um meio de narrar histórias, o cinema há muito se tornou um meio de reflexão

psicológica, política, religiosa, sociológica, ética e cultural. E, como área cultural, é também um campo de mudança”.

Portanto, observa através da ideia dos autores acima citados que o cinema pode ser um poderoso aliado como instrumento na mudança de comportamento e na melhoria das relações entre professor e aluno, aluno e aluno, escola e família.

Castilho (2003, p. 1) complementa que:

Quando você aprende se divertindo, seu processo de fixação é bem maior. O filme propicia por si só uma atração especial, é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolve o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixão e compaixão, opiniões e até desejos. O filme, como uma ferramenta didática, é de uma extraordinária valia para se trabalhar com e em grupos.

Castilho (2003) enfatiza que “não se trata apenas de utilizar o “cinema” como suporte pedagógico, um recurso didático a mais dentro da sala de aula, na instituição escolar, mas, na verdade trata-se de um processo de produção de saberes único e uma ponte na socialização”.

Entende-se através da ideia do autor acima que as ferramentas não devem ser apenas de forma de recursos didático, mas sim, levar o educando à reflexões mais elaboradas.

Levy (2011, p. 21) *apud* Gurgel (2009) descreve uma interessante ideia da autora:

O vídeo constitui uma ferramenta e um dispositivo pedagógico importante para os adolescentes por sua capacidade de visualizar os próprios conflitos e o dos outros, por sua ludicidade e tecnicidade e por permitir a participação de todos, ainda que alguns se situem atrás das câmeras, protegidos da emoção ou do choque de um confronto direto com o outro e/ou com a sua cultura. Por mais paradoxal que isto possa parecer, uma negociação permanente de produção de linguagem torna-se possível com a mediação da câmera.

Observa-se que o vídeo é um atrativo para qualquer indivíduo, principalmente para os adolescentes, onde através da imagem, a linguagem se torna mais comunicativa e corrente.

Levy (2011, p. 25) cita uma epígrafe em seu segundo capítulo, muito oportuna para complemento deste trabalho do autor Marcos Napolitano que diz a seguinte ideia:

O cinema, como o samba, “não se aprende no colégio” [...] mas o uso escolar do cinema pode trazer para a escola a experiência de ver um filme,

analisá-lo, comentá-lo, trocar ideias em torno das questões suscitadas. Não se trata de “aprender cinema no colégio”, mas de aprender a pensar o mundo por uma das experiências culturais mais fascinantes e encantadoras dentro de uma instituição que tem muito a oferecer”.

É função do educador, portanto, ter bom senso e ciência ao selecionar temas, filmes, a forma e a maneira de como vai reproduzi-los, passá-los, como será sua utilização, e, principalmente ter mente de como conseguir fazer com seus alunos analisem e observem o filme da melhor forma e sob vários ângulos de visão. É auxiliá-los a interpretar, refletir e em vários momentos atuar como uma espécie de “tradutor” do complexo processo artístico que está implícito numa produção cinematográfica.

3.6 A IMPORTÂNCIA DE FAZER CINEMA NA ESCOLA

Uma rotina é constante na instituição escolar, o professor adentra a sala de aula, os alunos dispostos em filas, um quadro negro, livros ou apostilas na mesa e o professor através da oralidade, isto é, sua voz é a principal ferramenta de uma didática puramente tradicional, pois esses são os elementos apropriados no cotidiano escolar, tanto para alunos para educadores.

Entretanto, nos últimos anos o que se apresenta no contexto social é que a voz do professor já não faz “ecos” como antigamente, e, por sua vez, os alunos estão cada vez mais inquietos voltados para as novidades tecnológicas e carência de novas modalidades de ensino se faz presente na criatividade de se apresentar o conhecimento e informação. Os educandos estão vivendo uma nova fase, em outros tempos. O diálogo dentro da sala de aula depara-se com barreiras tecnológicas e os alunos, mesmo em seus lares, o pai e a mãe encontram-se com a mesma dificuldade, o difícil acesso ao diálogo familiar. Normalmente os pais sempre ocupados e os filhos trancados em seus quartos, o celular, o *smartphone* e/ou a Internet é o mundo em que estão conectados. Um mundo virtual, interativo, sempre com novidades e atrativos tanto através da imagem, da música, games, vídeos, sites de relacionamento e outras ferramentas sempre avançadas e criativas para essa clientela.

Pretto (1996) indica que não se deve concorrer com as novas tecnologias, e ainda, vetar nas escolas, tentando impor os modelos tradicionais. A escola deve acompanhar as mudanças, as renovações, as evoluções e levar estas novas ferramentas como novas estratégias de ensino-aprendizagem.

Diante deste fato real o educador, deve ter em mente que dificilmente conseguirá ministrar suas aulas e ensinar tudo o que está planejado, pois tendo a concorrência da variedade e uma ampla gama de acesso à novas informações, o professor deve ter uma postura mais voltada para a mediação levando seus alunos através das inovações tecnológicas, levá-los à informação de acordo com as novas ferramentas que se apresentam.

Machado (2008) *apud* Levy (2011, p. 11) cita em seu trabalho que ao observar uma entrevista com o professor João Luís de Almeida Machado, Planeta Educação, especialista em TI e no uso do Cinema na Escola, revela que:

Quanto mais utilizamos, dentro de projetos, recursos provenientes da produção artística e cultural, mais reforçamos as possibilidades de aprendizagem. O cinema, especificamente, transmite ideias através de diálogos, interpretação dos atores, figurinos, cenários, locações, músicas, efeitos sonoros, efeitos visuais... É muita riqueza, merece nossa atenção, concede argumentos, abre espaço para debates, mexe com os sentimentos dos espectadores... Não dá para desprezar esse enorme potencial.

Importante nesta colocação de Machado (2008) que o cinema estimula várias situações que envolvem o cotidiano do ser humano como a fala, a música, o mundo visual, etc.

Levy (2011, p. 11) ainda relata outra entrevista com Machado numa outra entrevista deste especialista, que faz as seguintes afirmações em relação à prática pedagógica com o cinema:

O filme deve, desde o princípio do trabalho, ser apresentado como uma ferramenta educacional, que lega aprendizagem sem que isso tire deste recurso perante os alunos, sua condição de instrumento de diversão, lazer e ludicidade. Com isso quero dizer que a meta é aprender sem descartar o encantamento e prazer relacionados à apreciação dos filmes. Nesse sentido, o filme entra na ação pedagógica como recurso que aumenta a possibilidade de aprendizagem por, literalmente, ser agradável e sedutor aos olhos dos estudantes.

Para Levy (2011) através de Machado deixa claro que o filme não deve apenas ser um coadjuvante no contexto pedagógico, mas sim, um elemento que

atraia de várias formas o adolescente no processo de seu desenvolvimento tanto escolar como na sua vida pessoal.

Levy (2011, p. 12) cita Inês Fernandes que faz uma reflexão:

Também não se trata de “escolarizar” o cinema ou de “didatizá-lo”. Não estamos, e não queremos, concebê-lo e restringi-lo a um instrumento ou recurso didático-escolar, tornando-o como uma estratégia de inovação tecnológica na educação e no ensino. Ao contrário, por si só, porque permite a experiência estética, porque fecunda e expressa dimensões de sensibilidade, das múltiplas linguagens e inventividade humanas, o cinema é importante para a educação e para os educadores, por ele mesmo, independentemente de ser uma fonte de conhecimento e de servir como recurso didático-pedagógico como instruções a inovações na escola. Com isso não estamos dizendo que o cinema não ensina ou que não possa ser utilizado para tal.

O professor, portanto, como mediador da informação, através deste recurso deve e necessita estar atualizado diante das reações do educando diante das revoluções midiáticas.

Levy (2011, p. 20) cita que nos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) voltados para o Ensino Médio, quando da discussão no sentido de se ensinar por competências, fica claro que um filme e/o cinema pode ser o ponto de partida utilizados da forma de competências gerais da interdisciplinaridade:

Um filme é capaz de trazer os pontos de contato reais entre as disciplinas da área e a partir desses pontos, podemos estabelecer as pontes e o trânsito entre as disciplinas, que nem sempre se interligarão da mesma forma. Finalmente, é preciso identificar, analisar e aproveitar as oportunidades de trabalho.

Cita ainda Levy (2011) que quando se espera que um aluno seja capaz de: Informar e informar-se, comunicar-se, expressar-se, argumentar logicamente, aceitar ou rejeitar argumentos, manifestar preferências, apontar contradições, fazer uso adequado de diferentes nomenclaturas, códigos e meios de comunicação” têm se, portanto, um ponto comum que é ao mesmo tempo, um ponto de partida para projetos interdisciplinares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do cinema cumpre uma função secular em nossas vidas. Deve-se sempre explorá-la em sala de aula, para divertir, ensinar, passar conhecimentos e costumes, registrar acontecimentos e experiências e principalmente emocionar.

O desenvolvimento da tecnologia digital torna-se cada dia mais acessíveis, portanto ensinar os conceitos básicos sobre Cinema fica mais fácil e permite qualquer pessoa fazer um filme, um curta utilizando câmeras de vídeo digital, um computador caseiro, com boa configuração, é capaz de processar e permitir ao iniciante finalizar sua obra.

Toda essa tecnologia acessível não garante o sucesso do filme, nem a compreensão da mensagem pelo espectador. Glauber Rocha, um dos grandes cineastas brasileiro, dizia que o necessário é “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Digamos que a câmera na mão está bem fácil hoje em dia; a ideia na cabeça nasce de cada um de nós, dentro do que queremos comunicar e expressar, mas a questão que se coloca é: como fazer? Por isso a importância de ensinar aos alunos como manusear os recursos audiovisuais e usá-los dentro da linguagem cinematográfica.

As possibilidades de uma criação cinematográfica são infinitas quando levamos em conta a vontade de explorar o novo e o que existe dentro de cada um de nós. Trabalhar Cinema com os alunos é uma experiência enriquecedora que amplia o potencial de criação artística nos alunos e nos desafia enquanto educadores.

Através desta pesquisa/trabalho pode-se observar que a contribuição do “cinema” no meio educacional, de forma instrutiva e de informação, é uma ferramenta de motivação para atrair a atenção dos educandos, principalmente do Ensino Médio, pois o mundo em que estão neste momento, é o meio da tecnologia, e, o cinema/filme está presente no *smartphone*, na Internet, no *tablet*, nos *games*, etc.

A contextualização final deste estudo não é o de desenvolver uma “escolinha para futuros cineastas”, mas, estimular, até mesmo provocar nos educandos, o gosto pela pesquisa, pela leitura, pela curiosidade que é inato ao ser humano, através do

tema “cinema”, presente na vida de toda sociedade, permitindo a visualização do conhecimento.

Mesmo tendo a ciência e consciência que nem todos os alunos leiam, pesquisem ou talvez não se leia tudo, o mais importante é que o estímulo estará sempre presente e que tomem gosto pelo novo, pela inovação, para a criatividade e até mesmo o gosto pela leitura.

Não se pretende profissionalizar o estudo do cinema na sala de aula, mas, é de suma importância a tentativa de transformar o conhecimento através das imagens e que fiquem assimilados, fixados e articulados para auxílio na formação global de nossos alunos.

A meta é auxiliar o aprendizado ao aluno, mesmo tendo um caráter de “ousadia” ou de se dar um “salto” neste processo de ensino, mas o âmbito global é que não se perca a versatilidade de educar, de ensinar e transformar a pesquisa num referencial agradável, prático, inovador e de forma lúdica para o aluno.

A preocupação não está intrínseca na estética do trabalho em si, mas a qualidade e relevância sempre será um auxílio para que os alunos aprendam com prazer e fora da prática tradicional pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 168p.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro: propostas para uma história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, Myrna Silveira. **Leve seu gerente ao cinema: Filmes que Ensinam**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2009.
- BREDER, Allan Wagner. **A evolução e transformação da linguagem cinematográfica brasileira**. Monografia apresentada à Universidade Cândido Mendes. Curso de Pós Graduação “*Lato Sensu*” em *Marketing*. Nova Friburgo:RJ. 2005.
- CASTILHO, Áurea coord. BEZERRA, Carmela, *et al.* **Filmes para ver e aprender**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas. 2002.
- GURGEL, Eloiza. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre Educação e Comunicação**. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br>. Acessado em: 28/08/2014.
- LEVY, Lilia de Andrade. **Cinema, uma ferramenta a serviço da pedagogia**. Monografia apresentada ao Instituto A Vez do Mestre. Faculdade Cândido Mendes. Graduação em Pedagogia. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: www.avm.com.br. Acessado em: 28/08/2014.
- MACHADO, João Luiz de Almeida. **Na Sala de Aula com a Sétima Arte: Aprendendo com o Cinema**. São Paulo: Ed. Intersubjetiva, 2008.
- MENDES, Anderson Fabricio Moreira. **Cinema, Mídia e Educação: Aprendizagem significativa em construção com adolescentes no espaço escolar**. Monografia apresentada à Universidade Candido Mendes. Pós Graduação em Psicopedagogia Institucional. Niterói. RJ. 2013. Disponível em: www.avm.com.br. Acessado em: 29/08/2014.
- MONTEIRO, Eduardo. Artigo: **Mídia Educação**. 2006. Disponível em www.revistapontocom.br. Acessado em: 21/07/2014.
- MORAN, José Manuel. *et all.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19ª. ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- MORENO, Antonio. **Cinema brasileiro: histórias e relações com o estado**. Niterói: UFF, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. 249p.

PRETTO, Nelson De Luca. Uma escola sem/com Futuro: **educação e multimídia**. 6ª. ed. Campinas: Papirus, 1996.

REIS, Joari. **Breve história do cinema**. Pelotas: Educat, 2002. 95p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. Ed. Ver. E ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez. 2002.

WATTS, Harris. Direção de câmera: **Um manual de técnicas de vídeo e cinema**. Tradução de Eli Stern. Editora Summus, 1981. 184p.

VIDICA, Ana Rita. Cinema, literatura e imaginário: uma discussão sobre o curta-metragem "O Cego estrangeiro". **Culturas Visuais e desafios da pesquisa em arte**. Goiânia: ANPAP, 2v. p. 53 - 59. 2005.